

Experiências de uma vida dedicada à Geografia e ao meio ambiente - Marlene Teresinha de Muno Colesanti – Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, MG

PET Geografia

Revista OBSERVATORIUM (R.O): Conte-nos um pouco sobre sua formação acadêmica até sua chegada à Universidade Federal de Uberlândia.

(M.C): Bem, eu tenho uma trajetória um pouco diferenciada da maioria dos nossos colegas. Comecei dar aulas aos 17 anos na zona rural. Lecionava em uma sala onde havia primeiro, segundo e terceiro anos todos juntos e era muito interessante porque eu ia de charrete trabalhar nessa escola. O carroceiro sempre parava numa árvore de barbatimão, porque ele apanhava umas folhinhas para levar para a esposa banhar a perna que tinha uma ferida. Ele foi a primeira pessoa que me pôs em contato realmente com as questões do cerrado, eu sou do interior, norte do estado de São Paulo, de uma cidade pequena chamada Catiguá. Era lá que eu dava aulas na zona rural. Naquela época, eu já fazia o primeiro ano da faculdade. No ano seguinte, me ofereceram duas aulas de educação física na zona urbana. Como eu estudava à noite, dava para eu dar as aulas de educação física. Era o ano de 1968, eu ministrava as aulas de educação física. Imaginem, eu era jovem, tinha 18 anos, pouco sabia de questões de educação física, mas jogava handebol lá na região onde morávamos. Havia uma gincana no mês de julho, em Ibirá, uma cidade próxima a Catiguá, todos os estudantes daquela região participavam dessa grande jornada esportiva. Os pais dos jovens lá de Catiguá só deixavam os filhos participarem desta gincana se eu fosse junto, e sabem onde íamos? Em cima de um caminhãozinho, havia uns bancos na transversal da carroceria e todos ficavam sentadinhos. Outro dia, eu achei minha carteirinha de técnico, eu nem jogava muito porque não era forte, mas handebol eu sabia e jogava com as meninas e com os meninos. Depois, no outro ano, já apareceram algumas aulas de Geografia na escola. Então, eu larguei a zona rural, fiquei só na cidade de Catiguá. Eu lecionava durante o dia e à noite eu fazia faculdade em Catanduva, eu já estava no terceiro ano de faculdade. Desde então, só dei aula de Geografia em várias cidades da região, até que eu fui para Araraquara, onde eu comecei fazer mestrado, já era o ano de 1978. Depois, em julho de 1979, eu vim para Uberlândia e comecei dar aula na Universidade como professora de (Estudo dos Problemas Brasileiros), era uma disciplina

ministrada em todos os cursos da UFU. Os professores dessa disciplina eram os da História, das Ciências Sociais, da Geografia e do Direito. Tínhamos reunião toda semana para discutir os conteúdos. Nos anos 1979/80 ainda vivíamos na ditadura, não tínhamos tido eleições diretas para presidente, existia um pouco de medo de falar o que deveria ser falado, mas nós falávamos. Depois de um tempo, comecei a dar aula no curso de Estudos Sociais, porque a EPB acabou. Então, passei a lecionar Geografia Regional no curso de Estudos Sociais, e depois aqui na Geografia. Paralelamente a isso, em 1982, o professor Irineu, aqui da Geografia, foi trabalhar como o secretário de meio ambiente da cidade de Uberlândia. Nós trabalhamos juntos na elaboração do programa de governo do Zaire Resende. A primeira atividade que eu fiz em Uberlândia foi de Educação Ambiental. Mas, voltando um pouco lá atrás, o prefeito de Catiguá era meu vizinho, seu Sebastião, ele falou: “olha, nós vamos plantar árvores na cidade”. Eu falei: “olha seu Sebastião, se o senhor fizer a calçada e fizer os buracos nós vamos plantar com os alunos”. Eu fiz um trabalho com a escola, nós arborizamos a cidade inteira, com árvores plantadas pelos estudantes e foi muito interessante porque a ideia era só plantar onde o dono da casa quisesse e sabemos muito bem que há pessoas que não gostam de árvores - e árvore para mim é uma coisa fundamental na minha vida- , plantamos na cidade inteira. Quando eu volto em Catiguá, eu vejo aqueles árvores com mais de 40 anos plantadas na cidade é muito gratificante, a cidade é arborizadinha, bonitinha. Se vocês entrarem no *google*, podem ver que há muita árvore na área urbana. As primeiras árvores fomos nós da universidade, eu como professora de Geografia e os estudantes da cidade quem plantamos. As pessoas que não quiseram plantar de imediato a árvore na porta da casa, quando viram as outras casas, passaram a plantar também. Naquela época, havia uns 12.000 habitantes; hoje são 3 mil e poucos, é uma cidade muito pequena que fica a 7 km de Catanduva. É mais ou menos uma cidade dormitório, as pessoas vão trabalhar em Catanduva e dormem em Catiguá. Da minha época lá em Catiguá, restaram poucas famílias. Então, em 1984, o professor Irineu me chamou e falou: “Marlene vamos fazer um trabalho lá no Tancredo Neves”, não sei se vocês sabem, Tancredo Neves é um conjunto habitacional próximo ao cemitério Bom Pastor onde é o bairro Planalto hoje. Nós fizemos um trabalho lá com a população que estava começando a formar o bairro, construindo as casas, não havia árvores e eles escolheram quais eles gostariam de plantar. Nós demos a opção de eles plantarem árvores frutíferas. Foi muito interessante porque foi um projeto que deu certo e hoje as

árvores estão lá. Bem, a partir daí eu sempre trabalhei com Educação Ambiental em meu dia-a-dia, principalmente, no bairro em que eu moro, Umuarama, fiscalizando os meus vizinhos que cortam as árvores. Quando eles cortam eu fico de olho até eles plantarem uma nova árvore e eles sabem disso. Se vocês olharem, o bairro Umuarama é um dos bairros mais arborizados da cidade, todo mundo me conhece, como a mulher brava do cabelo vermelho. Então é uma coisa que eu faço no dia-a-dia, e às vezes eu estou no ônibus e eu desço e volto para perguntar para a pessoa porque ela cortou a árvore, desço no próximo ponto e volto. Faço isso na cidade inteira, e as pessoas me conhecem e sabem que eu brigo muito pela questão da arborização. Agora no governo do Gilmar Machado, se ele for eleito, nós fizemos uma proposta, vocês devem ter visto no programa, de que antes de a cidade chegar a 1 milhão de habitantes nós vamos plantar 1 milhão de árvores.

(R.O): Como a sua formação em Pedagogia e Ciências Sociais ajudou na sua formação?

(M.C): Na verdade, naquela época, não havia Geografia nas escolas, era uma disciplina chamada de Estudos Sociais, ela só deixou de existir, acho que foi em 1985/86. Na década de 1970 até ao seu final só havia Estudos Sociais. Podia dar aulas de estudos sociais quem era formado em Ciências Sociais, Geografia e História. E eu fiz Pedagogia porque eu gostava de estudar.

(R.O): Conte- nos um pouco sobre sua atuação como cidadã e pesquisadora na área de Educação Ambiental no município de Uberlândia.

(M.C): Eu tenho orientado vários trabalhos de final de curso, de iniciação científica, de Mestrado e Doutorado, sempre voltados para as questões urbanas, questões ambientais e uma das coisas que me preocupa muito, é que a maioria das pessoas faz errado porque elas não sabem o que é certo, não sabem porque fazem errado. Para melhorar as questões ambientais, tenho feito trabalhos em várias áreas, eu gosto sempre de desafios. O meu primeiro trabalho de iniciação científica e de final de curso foi de um estudante que era roqueiro. Ele fez um trabalho com os roqueiros de Uberlândia, investigou como eles entendiam os conceitos ambientais nas músicas do Renato Russo e do Titãs, foi um trabalho interessante, e a partir daí eu tenho feito sempre

trabalhos nas áreas urbanas, sempre pensando que este trabalho tem que ter o fim útil, não adianta fazer trabalho para ficar guardado dentro do armário, os trabalhos têm que ter um fim determinado. A minha tese de doutorado foi sobre o Parque do Sabiá. Eu fiz um *folder*, depois de ter conversado com muita gente sobre várias mudanças que ocorreram no Parque do Sabiá, muitas foram propostas por mim, outras não. Por exemplo, aquele parque de plástico eu detesto, aquele trem de ferro que esquenta, não tem árvore, as crianças machucam a perna, é quente demais, principalmente em dias de muito calor.

Eu quero que essa cidade se transforme em uma grande cidade verde, além de um milhão de árvores que nós vamos plantar, eu quero transformar várias outras áreas em parque, uma delas é no bairro São Jorge onde há o córrego Vista Alegre, entre São Jorge e Laranjeiras, é um afluente do Uberabinha. A outra é no Morumbi. E outra área verde que queremos construir é no bairro Shopping Park, queremos realmente transformar aquela área de veredas no fundo do vale, muito linda, em um grande parque. No Parque do Óleo e no Parque do Liso, a prefeitura atual começou a fazer, mas algumas coisas precisam ser melhoradas. Podemos construir um grande parque de lazer ali para a população e outro, no bairro Lagoinha, depois do Camaru, transformaremos o local em numa grande área verde.

(R.O): Como diretora do Instituto de Geografia, como você avalia os desafios para manter o padrão de qualidade do curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia?

(M.C): Esse é um grande desafio, eu acho que os nossos colegas têm muito boa vontade e muita competência, trabalham na organização das aulas, mas nós temos um grande desafio que são nossos estudantes, se não fossem vocês, que cobram, que vão atrás, têm sempre uma novidade, nós não teríamos também bons professores. Eu acho que bom professor existe em função de excelentes alunos. Eu não sei se vocês viram, mas nós ganhamos nota 5 novamente, no Guia do Estudante da editora Abril, e isso se deve à qualidade dos nossos estudantes e dos nossos professores.

(R.O): Como você avalia as boas maneiras e as práticas ambientais na cidade de Uberlândia?

(M.C): Isso me dá muita dor no coração, o que fizeram na Rondon para mim foi um grande crime, me disseram que replantaram as árvores, mas eu não vi nenhuma árvore replantada, foram retiradas mais de cinco mil árvores, imaginem! Isso é uma grande área verde, disseram que plantaram no Planalto, eu não sei, eu acho que a secretária de Meio Ambiente poderia ter interferido um pouco mais naquele plano. Plantar só na lateral a quantidade de árvores, de ipês que foram plantados é pouco, no canteiro central deveriam plantar mais árvores, eles tiraram muitas. Eu acho que todo prefeito que entra tem que ter um grande plano de arborização urbana. Não dá mais para essa cidade não cuidar das calçadas e da arborização, a prefeitura tem que ter uma pouco mais de fiscalização em relação às calçadas para que possamos ter qualidade de vida para caminhar a pé, isso não temos, não temos conforto térmico porque não temos árvore, como não temos árvores, não podemos andar a pé num dia como hoje de baixa umidade relativa do ar. E outra coisa, temos que ter é um plano de escoamento pluvial, quando chove, alguns lugares ficam alagados e os moradores reclamam que a prefeitura não cuida da cidade, que faz buracos. Mas sabemos que as pessoas também, como cidadãs, não deixam terreno suficiente para que haja a infiltração de água da chuva, elas cimentam o fundo do quintal.

(R.O): Como o Instituto de Geografia poderia contribuir para melhorar esses problemas ambientais do Município de Uberlândia?

(M.C): Eu acho que nós temos várias práticas aqui no Instituto de Geografia. Às vezes, não aparecem tanto, precisamos nos mostrar mais para que a sociedade passe a entender mais como podemos melhorar as questões ambientais urbanas.